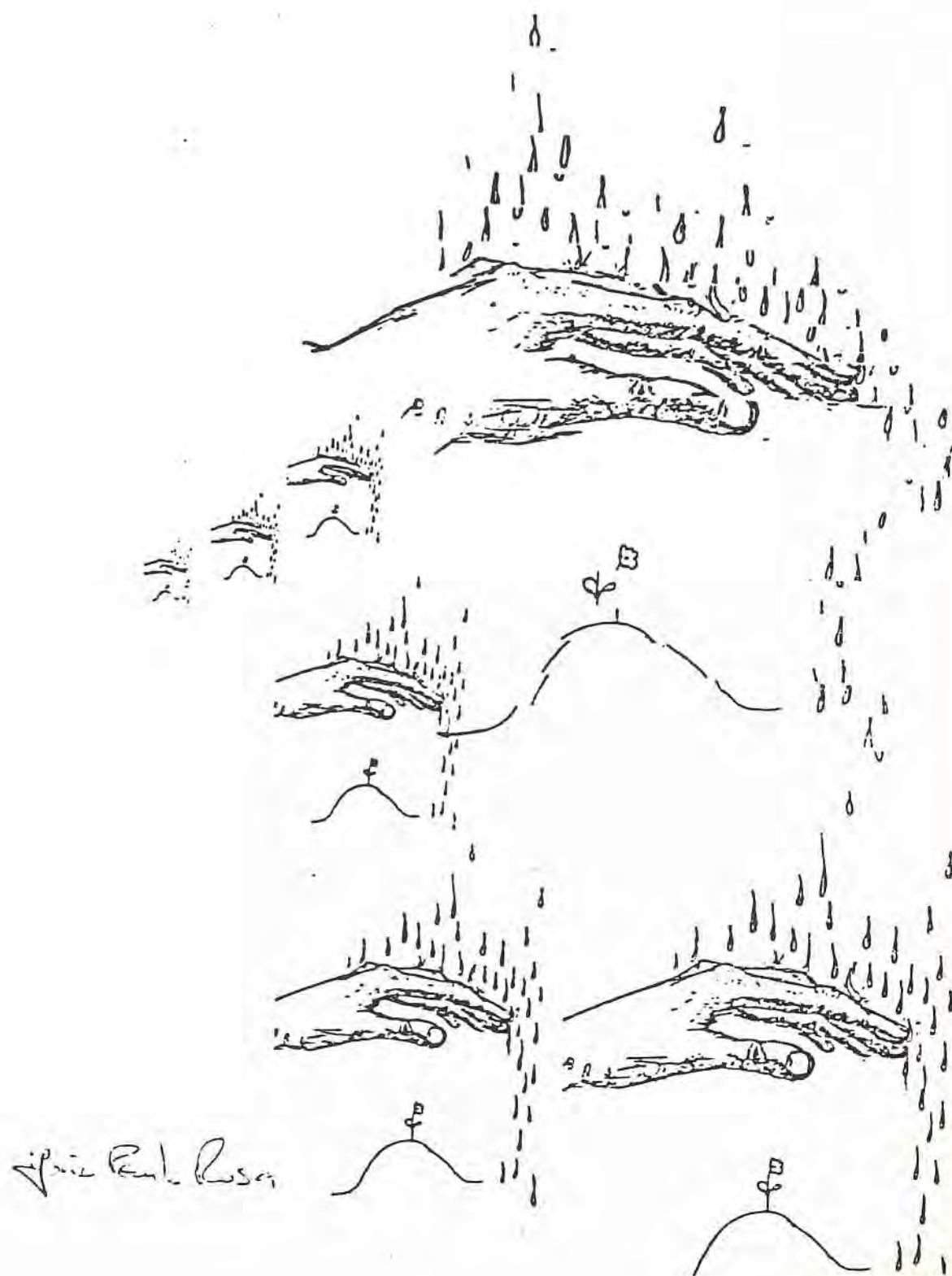


REVISTA DE FIGUEIRÓ DA GENTE

- ESC. SECUNDÁRIA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS.
- Um projecto dinamizado pelos grupos docentes 8º A e 8º B

ABRIL / MAIO 1989



INTRODUÇÃO À GENTE

Tem nas mãos uma revista que poderia ser perfeita; isto é, que poderia no mínimo ser melhor; isto é, que poderia enfim ser diferente.

Recapitulemos: tem nas mãos uma revista que é o que é, e pronto; e que é o resultado de um parto (ou de um porto?) difícil, logo, que valeu a pena.

Sublinhemos: tem nas mãos uma revista que é nossa (o adjectivo possessivo relativo à primeira pessoa no plural do verbo ser escola), embora não sendo ainda exactamente a nossa totalidade.

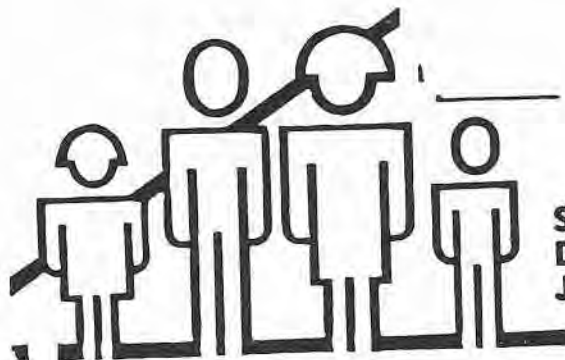
Especifiquemos: deverão sair ainda mais dois números, até ao fim do ano. E mais alunos, e mais professores, poderão enriquecer este esforço escrito e sentido. O tema deste número é "O Amor" - tema aliás de parte do programa de Francês, 12º ano, área D. Isso não impediu que o nosso mui talentoso geógrafo, prof. José Miguel Medeiros, exprimisse o seu amor pela geografia. Nem que, a propósito de romantismo, alunos do 11º ano versassem a literatura de ficção ou o Romance de Cavalaria.

Prometamos: vamos ser melhores.

E você, que nos tem nas mãos, dê-nos um bocadinho de atenção - quer isto dizer leitura e condescendência.

Obrigado

A equipa



Índice

Página 2 - Introdução à gente

Página 3 - Sumário (de sumo e de mar)

Página 4 - A nossa página 4 - Paula Dias

Página 5 - Novecentos e noventa e nove vezes depois da 1ª vez

- Joaquim Jorge Carvalho

Página 6 - "Hurler mon envie de vivre" - Sandra Lourenço, 12º D

Página 7 - "Amor - quatro letras e quanta significação!..."

- Jorge Rui Pinto

Página 9 - "Silêncio" - Conceição Rosinha

Página 10 - "Amor a quanto obrigas"

**- Sónia Sousa, Rui Henriques, Paula Silva, Cárita Brás,
Rosa Simões**

Página 12 - "Momento de reflexão e poesia"

- Conceição Rosinha

Página 14 - "Le Fado en Français" - 12º D

- Ilustrações de Rui Henriques

Página 16 - "Crónica de como escrever sobre o amor não escrevendo"

- José Afonso

Página 18 - "Ivanhoe" - Sandra Caetano, 11º D1

Página 20 - "Viagens da Minha Terra"- Literatura de Ficção

**- Adélia Henriques, Ilda Faria, Isabel Jorge,
Manuela Pereira, Sandra Caetano, 11º D1**

Página 22 - Poema "o nosso livro" - de Florbela Espanca

Página 23 - "Florbela Espanca por alturas do Natal"

- Joaquim Jorge Carvalho

Página 25 - Alguma considerações sobre Geografia

- José Miguel Medeiros

Página 28 - Humor - Cartoon sobre "Dia da Árvore"

- Paula Dias, 10º D1

Página 29 - Nota Final, alias, Nota Afinal



Pois sim. Mas agora é esta prova geral de acesso, que obriga a pôr e alhos e bugalhos, mesmo que não se queira.

- Diálogo de dois grandes nomes das letras portuguesas, piscando-se mutuamente os respectivos olhos direitos.

in "Gaiola Aberta", de José Vilhena, com a devida vénia-adaptado

1. Os estudos regionais de ...
do nos seus diversos aspectos. ...

Novacentas e noventa e nove vezes depois da primeira vez

... das ...

Estava aqui a pensar numa maneira de te dizer o que já te disse mil vezes sem que te parecesse que te dizia o que já te disse mil vezes. Não é que o que te disse já mil vezes não tenha sido mil vezes verdade nas mil vezes que já te disse. O que eu queria era dizer-te o que já te disse mil vezes mas de um modo que de facto te não parecesse que já te tinha dito mil vezes, embora deva sublinhar-te mil vezes que aquilo que te disse mil vezes era mil vezes verdade. Talvez que o facto de te dizer que estou a pensar numa maneira de te dizer o que já te disse mil vezes com a preocupação de que o que te disse mil vezes já te não parecesse dito já mil vezes por mim, seja afinal um modo de te dizer o que já te disse mil vezes sem parecer o que já te disse mil vezes.

... e ...

Acho que descobri enfim uma maneira de te dizer o que já te disse mil vezes sem parecer que te digo o que já te disse mil vezes sem parecer que te digo o que já te disse mil vezes. Preciso no entanto da tua colaboração. Assim: tu lembras-te das mil vezes que te disse o que te disse mil vezes já? Mil vezes te lembras do que te disse já mil vezes? Bem, se te lembras mil vezes das mil vezes que já te disse o que te disse já mil vezes, agora faz-me o favor de te esqueceres das mil vezes que te disse o que te disse mil vezes já. Pronto. Se já esqueceste as mil vezes em que te disse o que já te disse já mil vezes, então não parece que te disse mil vezes o que já te disse mil vezes. É a minha oportunidade de te dizer o que já te disse mil vezes sem parecer que te estou a dizer o que já te disse mil vezes. Amo-te.

Coimbra, 23 Fevereiro 1989

P.S. Mil vezes obrigado por te teres esquecido das mil vezes em que te disse o que já te disse mil vezes

Joaquim Jorge Carvalho

Hurler mon envie de vivre
 Je veux vivre comme je veux vivre
 et pas comme les autres en voudraient
 Je veux vivre pour respirer, pour frémir à la brise matinale
 Pour fermer les yeux sous le soleil trop vif

Je veux vivre pour serrer dans mes doigts
 une poignée de sable fine
 Ou une liasse de billets
 Je veux vivre pour courir à pieds nus
 sur les rochers, sur la plage, pour crier et hurler
 et siffler si j'en ai envie

Je veux voir tout ce que l'on peut voir
 Danser tout ce que l'on peut danser
 Entendre tout ce qu'il est possible d'entendre
 Et sentir toutes les odeurs de la terre, la planète

Je veux vivre pour avoir des amis, souvenirs et pour
 arrêter le temps et contredire même l'histoire
 Oui, je veux juger, écrire, me battre, vous battre et observer
 Je ne veux pas vivre selon les autres
 Moi, je veux vivre libre!



Sandra Lourenço

12º D

AMOR - Quatro letras e quanta significação!...

Amor - tema tratado, retratado, sentido, mistificado e desmistificado por poetas, pintores, escultores, cientistas, filósofos e simples humanos na sua condição de seres que vivem e sentem.

Amar tem a ver com o homem enquanto tal e consequentemente não é uma aquisição da alta tecnologia contemporânea, nem está sequer ao alcance pelo menos para já, dos "cérebros electrónicos", símbolos das sociedades industrialmente mais evoluídas.

Palavra de simples constituição gráfica, encerra, no entanto no domínio da significação, um âmbito extremamente vasto, capaz de por si própria ou à sua responsabilidade fazer girar uma quota parte importante da compreensão da evolução das diversas "civilizações" humanas desde os seus primórdios até à contemporaneidade.

Se associarmos o Amor, Liberdade, Fraternidade, Igualdade e Diferença, estaremos perante um paradoxo que o homem sempre foi fértil em virar ao coexistir simultaneamente com escravidão (física e cultural), violência, desrespeito pela individualidade (o indivíduo aqui encarado como infraestrutura numa estrutura complexa e cada cultura vista como parte integrante da "Cultura Humana"). Desenvolver estes aspectos levar-nos-ia a uma análise profunda da complexidade que o homem desde sempre patenteou, não possível nesta dissertação.

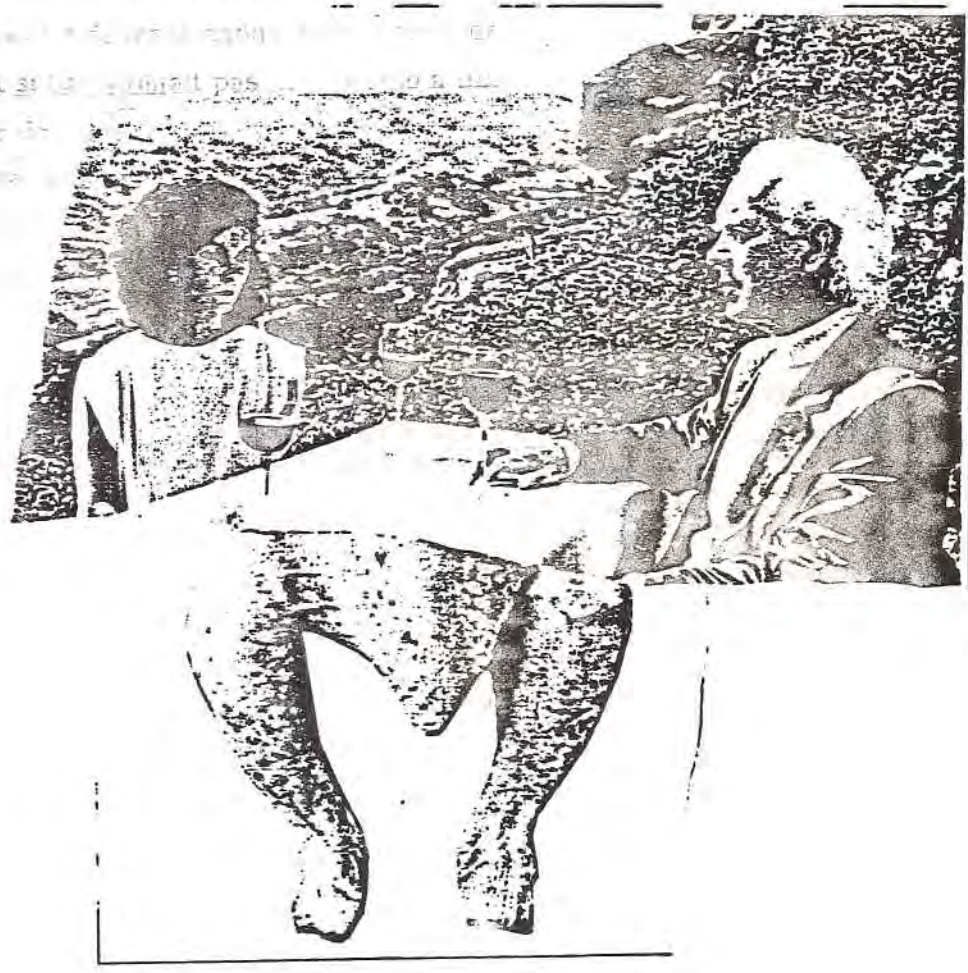
Sendo uma das molas que impulsiona e condiciona a existência humana, o Amor sempre se viu rodeado de condicionantes que o (multi) dimensionaram: mistificações, desmistificações, tabus, rituais (...). Se associarmos sexualidade e procriação como complementos integrantes daquele sentimento estritamente humano (pelo menos até agora não há provas da existência de seres semelhantes noutros planetas), facilmente compreenderemos a importância assumida por Cupido, Édipo (grande responsabilidade pela "humanização" e "racionalização" da componente sexual com todas as suas consequências e pela proliferação, nas mais diversas culturas, de rituais de união e acasalamento).

Assistimos assim a uma racionalização, nem sempre racional, de um sentimento tão profundo e complexo como tal tão difícil de definir e delimitar. Esta

A complexidade e dificuldade estão perfeitamente patentes nas palavras de um privilegiado em termos de vivência e existência:

"Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer (...)" (L. V. Camões)

Jorge Rui Pinto



Silêncio

"Um longo tempo de silêncio
não do esquecimento."

Porquê?

As palavras devem traduzir
sentimentos puros, sinceros.

Amor

Para quê fingir?!

Caminhar por ruelas escuras
veredas estreitas
onde a luz não entra ...

Tropeçar nas pedras.

nos ramos

Cair nas folhas

Rolar no chão

Beijar

Amar

Fugir e calar

O silêncio vem,

como se fosse o mar a beijar a areia

Como se o vento nos levasse

a beijar o horizonte.

Como se de sonho se tratasse

esta viagem para longe...

Esta viagem que foi para o tempo

E esse tempo foi para ti

Foi para ti, era inevitável

Foi para o seu lugar natural

"Um longo tempo de silêncio..."

Quem me dera chorar

encostada a uma saudade

bem maior do que eu"

Conceição Rosinha

12

Momento de reflexão e poesia

Paradoxo

Mais do que apenas tentar eu quis tudo o que em mim pudesse conduzir a um limite infinito que me justificasse como animal e como ser.

Antes de tudo, a coragem de partir, tendo embora o medo de chegar. Por isso, um abandono total da realidade que rompe a nossa esperança, como a proa de um navio rompe o mar embravecido. E aqui fica o meu segredo, todos os meus sonhos, expostos ao sol que aquece e redime.

No meu corpo morno de vontade lenta, a rebelião do ser manifesta-se constante, invencível. Procuro tudo ... e nada, como um breve momento de hesitação que antecede a luta.

Foi assim que cheguei ao sentido do meu querer: procurando! Como uma lembrança, repousei em ideais ou raízes férteis que hoje germinam no meu solo árido. Sou como a lógica que ninguém discute: cheia de pena de ser ... tão pouco!

Por um punhado de sorte, nasci aqui e a vida, por questões de sempre, deixou-me ficar e pronto: fez-se e fez-me!

Para mim vida é amor; é existir. É uma lágrima incontida. E é também maior do que o sonho!

Pela vida se desce aos infernos; com ela e por ela se exalta até ao esplendor dos céus.

Vida é também esta mania de andar buscando não sei o quê, até os ontens se perderem ... mas há muito mais ... depois, para além da angústia que divide o nada do tudo.

Vida rima com ida, barco que parte de proa despida; um pássaro ou uma estrela, semente e caminho traçado no meu chão. E os meus olhos partem ... vão ...

Rima com ventos suaves, punhais acerados na noite sangrenta.

Abraços, sufocos, concertos de amantes ... loucos ... Silêncio e vida!

Rima com doces lembranças, de tanto sonhar vazias de esperanças.

Vida de vidas insconstantes, desencontros que encontro e não partilho.

Coragem de ser quase tudo e o medo de ser quase nada!

VIAGEM DA MINHA TERRA E no entanto, sem tempo se ser e conseguir ...

Sincero desejo, real e tão meu, de sentir quanto quero, de ser quanto sonho e,
enfim, vencer!

OU existir. E morrer.

Conceição Rosinha



...as árvores, a floresta... era menos basto...
 ...uma espécie de alamedas, conduzindo a locais ainda mais...
 ...castelos, fortalezas, sedes do templo, os reis, a usurpação do...
 ...menta dos reis, príncipes e damas...

(a propósito de telenovela, telenovela, e outras novelas que tais...)

...aguarda, procurou amarrar-se de toda a sua...
 ...perigos que a ameaçavam, mas também para resistir aos...

BONJOUR, JE M'APPELLE D. DOUZE

ET JE VAIS VOUS RACONTER:

LE "FADO" EN FRANÇAIS (Synthèse de quelques textes de 12^o D - Illustration

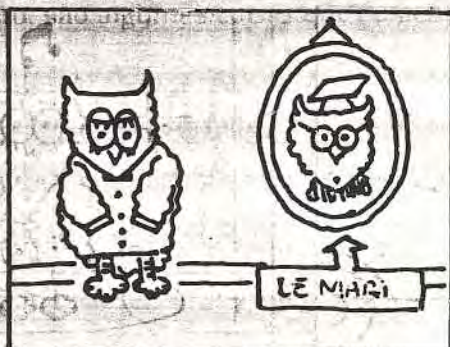
par Rui Henriques)



LOUIS, LE PORTUGAIS ÉMIGRANT N'AVAIT PAS L'ARGENT ET IL AVAIT MÊME EU UNE LAI... DE SES ÉTUDES, MAIS IL ÉTAIT UN ROMANTIQUE QUAND-IL ÉRE



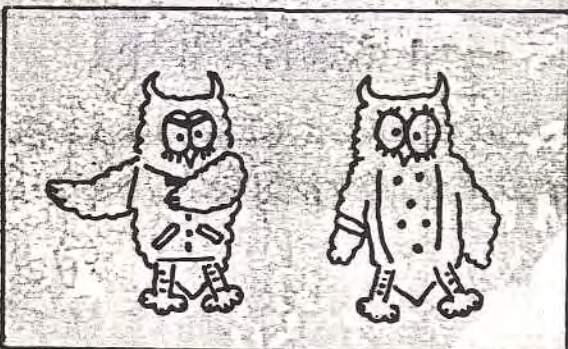
LINDA CHANTAIT LE "FADO" EN FRANÇAIS ET AVAIT LE GRAND RÊVE DE DEVENIR FAMEUSE



MARIE ÉTAIT UNE INFIRMIÈRE, À L'HÔPITAL DE NÎMES, ET ÉTAIT LA MAÎTRESSE DE LOUIS LE PORTUGAIS CHAUFFEUR DE SON MARI.



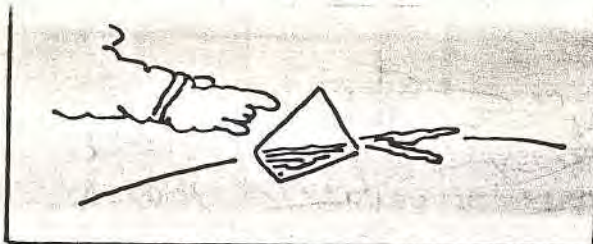
C'ÉTAIT AU CAFÉ "CHEZ ROBESPIERRE" QUE TOUT S'EST PRÉCIPITÉ. LOUIS DÉJEUNAIT AVEC MARIE ET SON MARI. MONSIEUR LE DOCTEUR DES CHAMPS, LINDA A CHANTÉ LE "FADO" "LES OISEAUX CHANTENT DU SANG OU DES LARMES" ET LE PORTUGAIS EST TOMBÉ AMOUREUX DE LA VOIX PORTUGAISE.



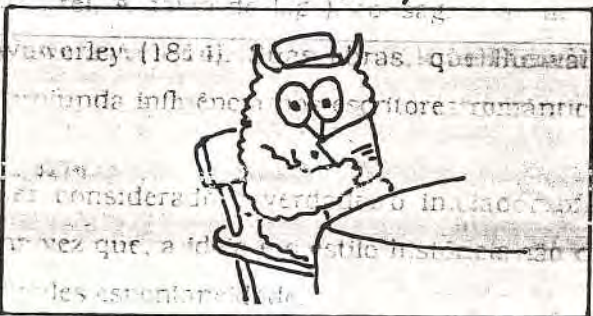
MARIE A EU UNE RÉVOLUTION ENTIÈRE DE JALOUSIE ET DE CYNISME - ET ELLE A INVITÉ LINDA POUR BOIRE DU VIN, AVEC EUX, À LEUR TABLE.



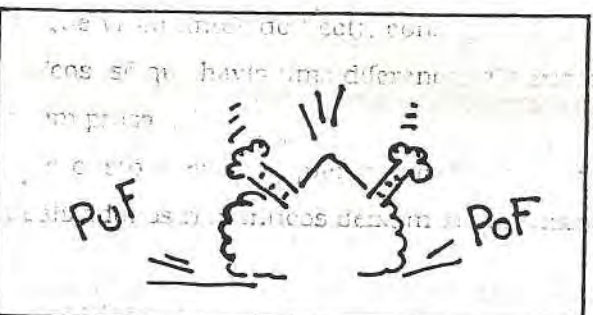
DANS LE VERRE ELLE A JETÉ DU POISON



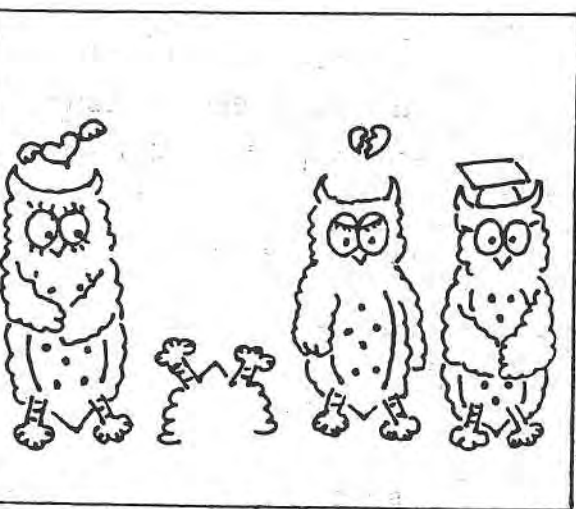
QUAND TOUT LE MONDE SE PRÉPARAIT POUR NOËL, L'UN DES VERRES EST TOMBÉ (C'ÉTAIT LE VERRE DE LOUIS)



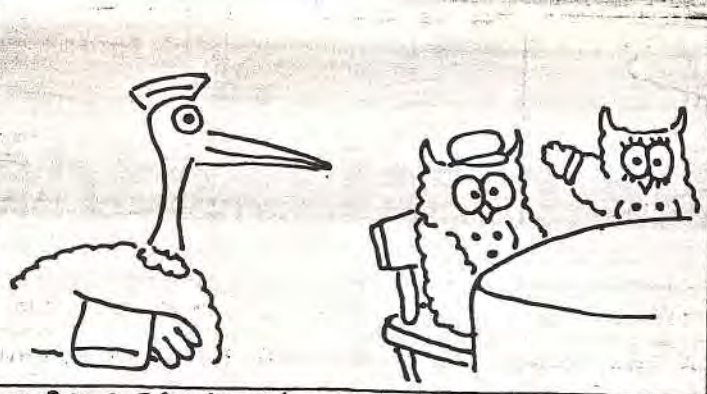
ET LOUIS A BULÉ LE VERRE QUI AVAIT LE POISON.



MORT!



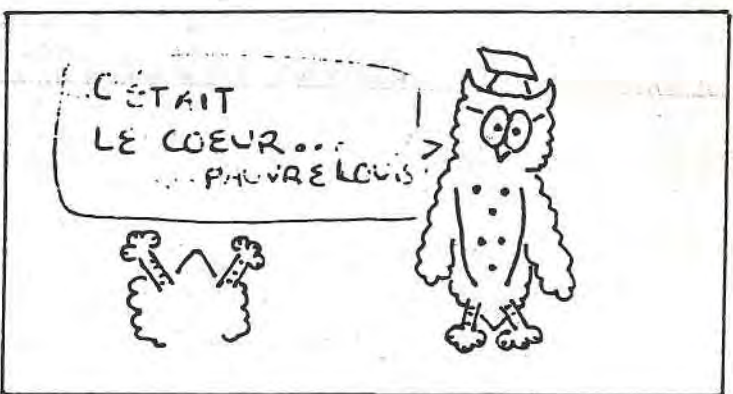
- TRISTE FATALITE - C'EST TOUJOURS SI DIFFICILE À TROUVER UN BON PORTUGAIS - BON CHAUFFEUR! (DISAIT M. DES CHAMPS), EXTRAORDINAIRE AMANT! (SOUS-ENTENDAIT MARIE), PORTU- GAIS DE MAUVAISE FORTUNE (EXPLIQUAIT UN NOUVEAU FADO DE LINDA).



LINDA A DEMANDÉ UN AUTRE VÉHICULE AU "GARCEN" (SON COLLÈGUE JANE) ...



ALORS LOUIS EST TOMBÉ ...



ET MAINTENANT

- Qui ira conduire la voiture de M. DesChamps?
- Est-ce que Linda ira au Portugal pendant les vacances de Noël?
- Et Marie? Est-elle condamnée à devenir une pauvre femme fidèle à son mari?



como se algo explodisse em mim. Diante a simplicidade e a
poesia. Vi porquê o amor é o Amor. Porquê é quase um mito e
librio fisiológico. **JÁ QUE TEM DE SER ... (ou A Crónica de como escrever sobre o Amor, não
escrevendo):** uma substância química
e, então, isso seria reduzi-lo à sombra da sua sombra.
le pequeno poema diz: **Olhem que esta não lembra ao diabo! Escrever um artigo para o jornal de
Ei, do que todas** **Escola, vá que não vá! Agora pedirem-me que escreva sobre o Amor ...! Eu? Um
a ou se virão a fazer** **aprendiz e cego militante das ciências, escrever sobre o amor? ... E que sei eu sobre tal
o Amor ilumina** **tema? Nem pensar!!** Tanto aquele pequeno
não passa dum ponto esse. **Não fui difícil de convencer. Mal esboçavam os primeiros argumentos já eu
sentes me surgiram** **dizia: Sim! Era um desafio e pêras! Demasiadamente exótico e atraente para poder
reforçar, pois "Amor é"** **recusar.** Não sei se ver.

Esferográfica. Folha em branco. Primeira consciencialização das
dificuldades. Esta vertigem pela heterodoxia ainda me perde!

Título: Sobre o Amor - uma abordagem bioquímica:

**Começava pela descrição das tendências actuais das ciências biológicas, da
sua vertente da análise bioquímica; continuava pela importância do sistema
nervoso, e das substâncias por este produzidas, no comportamento como na
memória, no pensamento e nos sentimentos. Tinha aberto a porta para a conclusão
final: citava, agora, várias experiências realizadas no campo da fisiologia; os seus
resultados: todas as alterações fisiológicas características do indivíduo amante
podiam ser provocadas por uma substância química, da mesma família à qual
pertenciam a morfina e outras drogas; mais, essa substância era produzida pelo
sistema nervoso humano; ainda mais, era possível controlar artificialmente a
produção desse neuroquímico.**

**Conclusão: o Amor não é mais de que a resposta fisiológica ao
funcionamento do sistema nervoso, à produção por parte dele de uma substância
química.**

Perfeito. Estava terminado o texto base; retoque aqui, retoque acolá; revisão
científica, consultando novamente as fontes bibliográficas; e restava entregar.

Entretanto, antes de amanhecer novamente, como período de decompressão,
fui à estante, retirei um livro de Eugénio de Andrade, abri ao acaso e li:

"XVII - POEMA PARA O MEU AMOR DOENTE

Hoje, roubei todas as rosas dos jardins
e cheguei ao pé de ti de mãos vazias."

De repente, foi como se algo explodisse em mim. Perante a simplicidade e a ternura deste pequeno poema. Vi porquê o amor é o Amor. Porquê é quase um mito e um factor de "desequilíbrio fisiológico".

E era minha intenção dizer que o Amor é uma substância química. Ingenuidade. Dizer apenas isso seria reduzi-lo à sombra da sua sombra. Insensibilidade. Aquele pequeno poema diz mais sobre o Amor do que todas as páginas frias que escrevi; do que todos os tratados de análise material, científica, que sobre Ele se fizeram ou se virão a fazer.

Queria dizer que o Amor ilumina como uma pilha, enquanto aquele pequeno poema nos diz que o Sol não passa dum ponto escuro junto dele.

Milhares de insultos me surgiram para definir a minha "simploriedade". Lembrei-me, também, de Camões: "Amor é fogo que arde sem se ver ...".

Eu, cego pelas virtudes da ciência, querendo racionalizar isto tudo, não me tinha apercebido, ainda, deste Universo.

Tempo perdido, mas compensador, o da feitura do artigo.

Novamente ao trabalho. Título: O Amor

.....

No dia seguinte o jornal aborda-me: - "Está feito?"

— "Sim" - respondi eu - "Fruto da minha formação científica, a minha sensibilidade poética é manifestamente uma desgraça. Assim, tornei como objectivo definir cientificamente o Amor. Tarefa árdua mas já realizada."

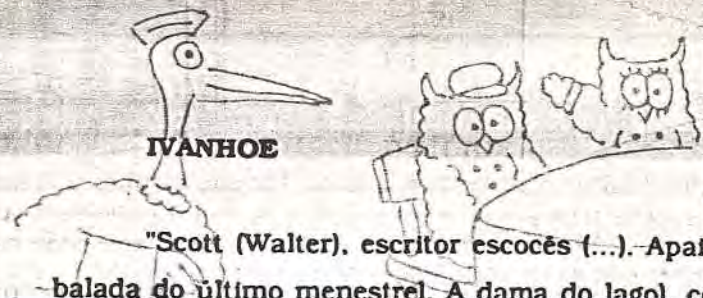
— Bom, então, entrega-me o artigo - disse o jornal.

— Já que tem de ser! - e entreguei uma folha em branco com o título: O Amor.

Apesar do choque, penso que percebeu.

José Afonso





"Scott (Walter), escritor escocês (...). Apaixonado pelas lendas escocesas (A balada do último menestrel, A dama do lago), consagrou-se ao romance histórico após o sucesso da Waverley (1814). Suas obras, que lhe valeram celebridade universal, exerceram profunda influência nos escritores românticos".

SCOTT pode ser considerado o verdadeiro iniciador oficial do chamado romance histórico, uma vez que, a ideia e o estilo histórico não desabrocharam no espírito de Scott por simples espontaneidade.

Antes deste, muitos outros escritores tinham já tentado esse gênero. Mas Scott soube realizar o objectivo que procurava atingir.

Chancer, escritor que viveu antes de Scott, conseguiu atingir características dos bons romances históricos, só que havia uma diferença: "Chancer era um poeta - e os romances escrevem-se em prosa ..."

"Procurando a todo custo a evasão, quer no sonho, quer no exotismo, quer num passado sempre idealizado, os românticos deixam-se fascinar pelo misterioso e pelo fantástico.

Muitos foram os escritores que escreveram romances como "O castelo de Otranto", de Walpole, "Mistérios de Udolfo", de Ann Rodcliffe, que não possuem uma característica primordial: faltava-lhes o condão de fazer reviver nos leitores, como se fosse presente, o passado. Faltava-lhes imaginação fértil e equilibrada como a de Scott, através da qual fantasia e verdade se misturavam num só todo...

Ivanhoe foi uma das obras de Scott, escrita em 1820, que valeu celebridade universal e é considerada para muitos críticos o romance mais popular de Scott. Ela "vale como um retrato vivo e colorido da época das cruzadas, com todo o seu esplendor, toda a sua aventura, todos os seus perigos (...)".

A história remonta aos últimos anos do reinado de Ricardo I, prisioneiro da Áustria.

A precária situação da nobreza, segundo a constituição da Inglaterra, era independente da tirania feudal. Existiam duas raças rivais, os Normandos e os Anglo-saxónicos.

"Na corte e nos castelos da alta nobreza que ostentavam pompa e magnificência verdadeiramente reais, só se falava francês, "assim como nos tribunais, os magistrados, etc, enquanto que o Anglo-saxónico era empregado pelas classes inferiores, a plebe e camponeses. Era este o estado de coisas na época em que se passa a história.

Os cavaleiros, cavalos, nobres, a floresta "o arvoredo era menos basto, alinhava-se formando uma espécie de alamedas, conduzindo a locais ainda mais agrestes e solitários...". castelos, fortalezas, sedes do templo, os reis, a usurpação do trono, a própria vestimenta dos reis, príncipes e damas.

ET JE LA VOLTANDO-SE PARA A JANELA, PROCUROU ARMAR-SE DE TODA A SUA CORAGEM, NÃO SÓ PARA SUPTAR OS PERIGOS QUE A AMEAÇAVAM, MAS TAMBÉM PARA RESISTIR AOS SENTIMENTOS QUE LHE FAZIAM VIBRAR O CORAÇÃO E ELA TEMIA MAIS DO QUE ESSES PRÓPRIOS PERIGOS. Rui Henriques

Isto, são algumas coisas que eu acho que são romantismo histórico.



- Bibliografia



Sandra Caetano

11º D1

KLS - Dicionário enciclopédico

LINDA CRANTAI LE FAIX
EN FRANÇAIS
2º vol. noínes próprios
GRAND REVE DE DEVENIR
FAMEUS Seleções dos Reader's Digest

Ivanhoe

Edição Romano Torres

col. "Obras escolhidas de autores escolhidos"



em tempo se ser e conseguir **"VIAGENS DA MINHA TERRA"** a minha terra e a minha terra não é a terra do tempo real e tão meu, de sentir quanto quero, de ser quanto sonho e

— LITERATURA DE FICÇÃO

A estrutura cavaleiresca e pastoril é uma má lição de técnica romanesca, isto é, sobrepõe-se à falta de verdade humana que é necessária para a existência de heróis. Do cavaleiresco, há como exemplo o *Palmarim* de Inglaterra, aqui encontra-se um xadrez de aventuras de fantasia em crise, atribuídas a heróis amaneiradamente automatizados. O mesmo acontece enfrentando o pastoril. É evidente esta falta de sentido do real humano que automatizava os heróis no cavaleiresco e transmutava os caracteres no pastoril; não só estava sendo treino conveniente para o romance posterior, senão que estava exercitando cada vez mais uma actividade absolutamente antagónica.

O exercício da imaginação romanesca impediu qualquer tentativa de retorno às fontes renovadoras do Renascimento; contudo a pitoresca e a sentimental não deixaram de se fazer. Eram portanto opostos os sentidos dos caminhos da ficção habitual e dos propostos pelo Renascimento. Deste modo, qualquer meio de chegar a estas tentativas era pura perda. Foi isso que deitou a perder a *Constante Florida* e os mais da sua família, bem como o *lagarito*. Tudo tem esse ar de ficção abstracta que mata o sentimental e o pitoresco. Em consequência estes são postos ao serviço do didactismo moralizante bem característico das obras do final do séc. XVII.

Autores e público encontravam-se desprevenidos e não preparados para a aceitação de ficção que outrora o Renascimento houvera proposto e tentado: a exploração do mundo humano.

Em alguns pontos da Europa, sobretudo em França e Inglaterra sempre houvera romance dedicado à vida sentimental e comportamental face ao ambiente. Paralelamente uma ficção — a dialogada — permitiu uma ligeira evolução, pois em palco observam-se caracteres, costumes e experiência adquirida, como primeira forma de romance moderno. Enquanto isto, em Portugal nada surgia, a não ser em Bernardim Ribeiro, homem de experiência própria e incompreendido pelos nossos romancistas e contemporâneos. Autor da obra *"Menina e Moça"*. Apenas Camilo Castelo Branco inaugurou a pura ficção, o que muitas vezes se não avalia por não se considerarem historicamente os caminhos e as experiências.

A literatura de ficção veio a conceber-se e a desenvolver-se no séc. XIX. Daqui surgiu um ponto de partida para novas orientações e novas técnicas.

...há um facto singular... exclusivismo; um pouco subjectivo, pois explicando a sua existência explica o seu exclusivismo.

Alguns autores, com menos prática, apoiam-se em temas já debatidos/desenvolvidos em enredos e desfechos devidamente concatenados. Assim o romântico terá de pôr a imaginação a funcionar, sobretudo se não a traz treinada.

Quer a ficção primitiva, quer a antiga, quer a medieval, serve-se de todo o material mítico, legendário, histórico, para assim chegar e entrar numa ficção livre, própria e autêntica.

Poder-se-á dizer então que a literatura de ficção é o romance, a novela e o conto.

Ela só se tornou liberta/independente desta ficção quando o próprio poeta entrou numa criação e invenção imaginativas, pois isto é que era a *autêntica* ficção afinal.

E, só assim podemos entrar no "movimento com uma contribuição nacional da obra romanesca. Alexandre Herculano foi um dos criadores do romance histórico português dentro do espírito do romantismo, pois este "sempre teve os olhos postos na história, sua constante mestre". Por outro lado, Camilo Castelo Branco representa o apogeu do romantismo se bem que, mais tarde, houvesse aceitado os ditames do realismo do qual fora insensível a princípio.

Deste modo, o romantismo exerceu profunda influência em Portugal.

Adélia Henriques

Ilda Faria

Isabel Jorge

Manuela Pereira

Sandra Caetano 11º D₁



O nosso livro

A.A.G.

Livro do meu amor, do teu amor,
Livro do nosso amor, do nosso peito ...
Abre-lhe as folhas devagar com jeito.
Como se fossem pétalas de flor.

Olha que encontro já não sei compôr
Mais santamente triste, mais perfeito ...
Não espalhes os lírios com o que é jeito
Que outros não tenho em meu jardim de dor!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!
Num sorriso tu dizes e digo eu:
Versos só nossos mas que lindos sois!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente
Dirá, fechando o livro docemente:
"Versos só nossos, só de nós os dois!..."

Florbela Espanca
Poesia (de 1918 a 1930)

Redescobri Florbela Espanca durante estas mini-férias do Natal tristezinho e pobre, com o frio e as luzes tradicionais da época, e uma vaga nostalgia de ser adolescentes em horas marcadas, numa busca incerta e incessante pelas ruas e entardeceres da cidade, em promessas de namoradas e de carros descapotáveis. A Florbela é mesmo o poço sem fundo da Belaza maiúscula, doi-nos o som e a forma de tanta vida e de alma bonitas, quase nem há espaço para questionações biográfico-freudianas do género - colada da mulher ...

Do muito que a leitura redescobriu e a memória sensível guardou, ficou-me um soneto lindíssimo, dedicado pela poetisa a um dos maridos, uma das provisórias felicidades absolutas que se ofereceu, na ingenuidade de instantes; muito simplesmente, a ideia-chave deste texto a que me refiro tinha que ver com o direito à propriedade do texto - Florbela fala de "nossos versos", mas acrescenta, de imediato, essa circunstância trágica e irónica de que outros, mais tarde, haverão de considerar "seus", de igual modo, os mesmos versos. Esta mesmíssima ideia poderia quicá ser ilustrada com referências a musiquinhas de amores de ontem ou ainda agora - lembras-te, ó esferográfica? - , a filmes de pipocas e de mãos dadas, a uma praia de areia e suspiros na música de Joe Dassin - *et si tu n'existais pas ...* - mesmo a um ponto geográfico definido, pleno de certezas e de coincidências menos científicas - uma cidade, um jardim, um banco, um semáforo, uma ponte santa e clara.

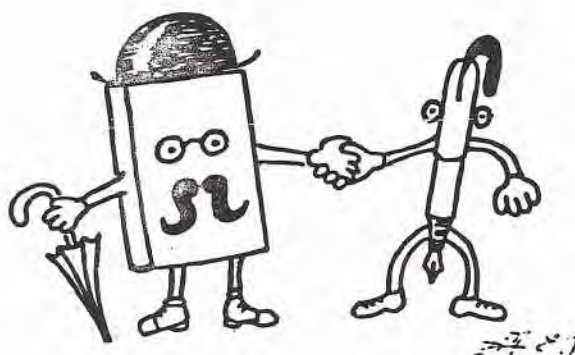
Volto ao poema. A autora do poema admite, sem outro remédio, que o poema seu e do amado, há-de vir a ser de outros, talvez já na admissão da precariedade do próprio amor com que, nesse momento, o escrevera ou o lera: *diz-lhe a voz de uma razão íntima e desmancha-prazeres que o tempo passa, e que outras leituras virão por outros amores*. Pior ainda: que a leitura agora não se acrescenta de uma leitura seguinte; não; a leitura agora é substituída pela leitura seguinte - e isso deve querer segredar-lhe que o amor dá lugar a outro amor, perspectiva que, sendo maravilhosa (porque implica a sobrevivência de um sentimento), é também trágica (uma vez que significa a morte fatal do amor presente - para dar lugar, a vez, a oportunidade, o espaço a outras vezes).

O que este poema de Florbela Espanca ilustra, sobretudo, é a legitimidade do tempo sobre o espaço, que o mesmo é dizer - este amor e estes versos são nossos, amor, porque somos agora (glória, glória, aleluia, sic.); e bem assim, ai de nós, este amor e estes versos serão doutros, amor, porque doutros é o futuro (descansar em paz, amen). Florbela oferece-se (e ao amado) a felicidadezinha do instante e do aqui; mas igualmente se promete (e ao amado), sem alternativa, a infelicidade irreversível do amanhã um dia, quem sabe onde. Amor sentido quer dizer doçura e bem infinito; amor sabido é igual a nada e a fim.

Nada no poema, contudo, indica que não vale a pena a paixão, o poema ele próprio, a leitura e a propriedade pelos amantes do momento. O mesmo será dizer pessoalmente que tudo é questão de grandeza da alma, e desta filosofia de vida conjugada no presente, com as unhas cravadas nas partículas felizes desta experiência quotidiana. E nem saberia esta alentejana do mapa-mundi do sempre e do universal que assim se vencem frustrações quilométricas, dos longes da pátria doméstica; dramas cifrónicos, de cadilhes cordas ao pescoço, e de robertinhos teatros fantechando o ser professor; angústias existencialistas, de Sartre e de Duras caminhando para a morte. Assim, assim mesmo, na filosofia de vida dita no presente, com a pessoana grandeza de alma, na busca de novo adolescente pelas ruas e entardeceres da cidade incerta e incessante de namoradas e de carros descapotáveis, e de mini-Natais, e de férias, e de horas sem nostalgia marcada ...

De um poema de Florbela Espanca, numa esquina qualquer de um livro ou de uma bica quotidiana. Assim.

Joaquim Jorge Carvalho



Geoconsiderações ...

NOTA DE ABERTURA

A criação de um espaço dedicado à Geografia no âmbito do Jornal da Escola é uma iniciativa que se propõe levar aos leitores o máximo de informação geográfica possível, bem como estimular o interesse por esta disciplina, que muitos julgam ser apenas um conjunto de conhecimentos dispersos sem objectivo definido e cuja utilidade é duvidosa. Se, ao longo da nossa participação neste jornal, conseguirmos dissipar essa imagem negativa e errónea que muitos têm da Geografia, sensibilizando-os para esta, então poderemos dizer que os nossos objectivos foram cumpridos.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA GEOGRAFIA

De há uns anos a esta parte e principalmente no nosso país, a Geografia, ciência que já esteve no centro das atenções de todo o mundo, tem sido relegada para um plano secundário muito em virtude de lhe não ser conferido o estatuto de ciência com utilidade prática. Com efeito, aqueles que se assumem como seus críticos perguntam com frequência:

— Mas afinal para que serve a Geografia?

É certo, que nem sempre os geógrafos souberam dar a melhor resposta às novas questões que as sociedades actuais vêm pondo, nomeadamente após a 2ª Grande Guerra Mundial.

De facto, a Geografia clássica, regionalista, que dominou os estudos geográficos desde finais do séc. XIX e até aos anos 60, preparada para estudar Regiões e Sociedades cujas transformações eram lentas e diminutas, revela dificuldades crescentes ao deparar a cada momento com processos de transformação muito rápidos que lhe escapam, senão na totalidade, pelo menos em parte.

A industrialização acelerada das sociedades desenvolvidas e o fenómeno da urbanização crescente a ela associado, são questões que, pela sua expressão e consequências no espaço geográfico, ultrapassam em muito o âmbito dos estudos regionais.

Para a Geografia clássica, e citando Vidal de la Blanche⁽¹⁾ (considerado o "pai" da Geografia Francesa), "A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens". Significa isto que, embora não ignorando o Homem como moderador das paisagens, não o coloca no centro das suas atenções.

(1) Vidal de La Blanche, "Princípios de Geografia Humana" Edições Cosmos, Lisboa

26

Nesta perspectiva, os estudos regionais de carácter monográfico fazem o enquadramento da região nos seus diversos aspectos, físicos e humanos (com especial incidência nos primeiros), desde o relevo ao clima, da população ao povoamento.

Este tipo de estudos regionalistas não ultrapassa, regra geral a descrição explicativa (muitas vezes historicista) que permitindo fazer o "diagnóstico", não aponta as "terapêuticas" (soluções) para os problemas constatados. Termos como "planear", "ordenar", etc. não entram no vocabulário dos antigos geógrafos. No entanto, hoje em dia, tanto o planeamento como o ordenamento do território são temas cuja importância é por demais evidente.

Foi no sentido de dar resposta a estes problemas que os geógrafos da década de 60 alteraram o centro das suas atenções.

Não deixando de ter em linha de conta todos os aspectos tratados pelos seus antecessores, os geógrafos actuais preocupam-se fundamentalmente com a repartição das actividades humanas no espaço, procurando descobrir as leis que regem esta distribuição com o fim de poderem intervir activamente, sobre os desequilíbrios encontrados.

O ordenamento do território, tendo em vista um desenvolvimento equilibrado das sociedades, passa a ser a preocupação fundamental da geografia moderna.

Como diz Paul Caval⁽²⁾: "A Geografia clássica permite descrever e compreender o meio rural, as realidades regionais ou das antigas províncias. A indústria, as cidades, o turismo, as migrações populacionais, os ritmos trepidantes da civilização avançada escapam-lhe".



A

Estas duas expressivas caricaturas, publicadas pela revista Geo-crítica de Barcelona, apontam alguns dos principais problemas da Geografia Regional (clássica):

- O problema da Síntese
- O questão do dualismo entre os fenómenos Físicos e Humanas



(2) Paul Caval, "A Nova Geografia", Liv. Almedina - Foi um dos geógrafos que estiveram na origem desta viragem da Geografia.

Cada vez mais, o desenvolvimento de uma região depende de factores externos a essa mesma região, como consequência directa do aumento das trocas comerciais, do desenvolvimento dos transportes e da especialização. As políticas dos governos, os mecanismos económicos e as transformações sociais crescentes são fenómenos cujo alcance ultrapassa largamente uma unidade regional. Por isso, a geografia actual não encara as regiões só por si, mas inseridas num conjunto mais vasto que pode ser um país, um continente ou até todo o planeta.

Uma das dificuldades dos geógrafos clássicos era explicar como é que regiões com as mesmas potencialidades naturais apresentam níveis de desenvolvimento diferentes; ou ainda quais as razões que levam ao subdesenvolvimento países com recursos naturais fabulosos como, por exemplo, em África.

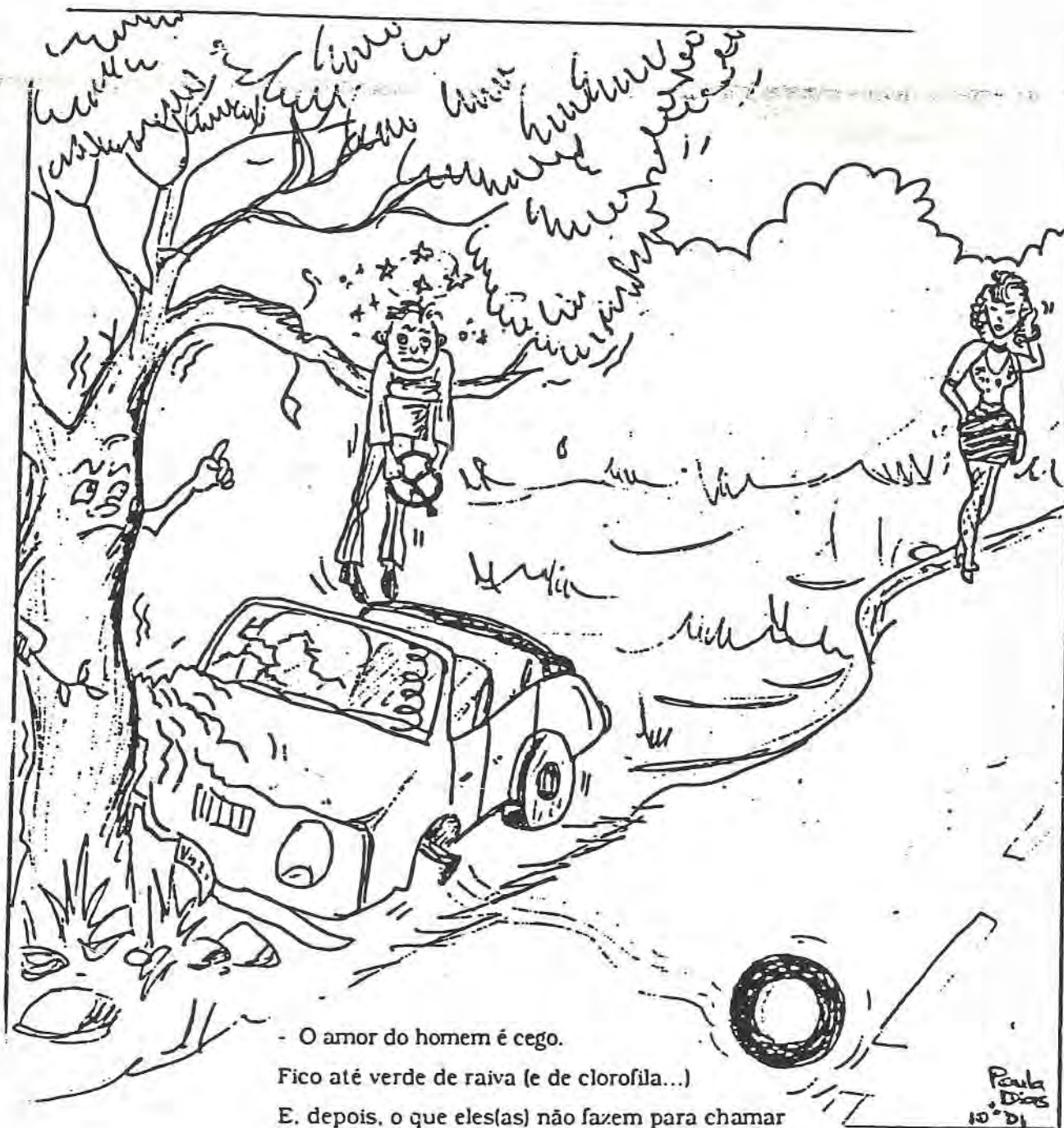
São estas desigualdades que se reflectem na organização espacial das sociedades (e que resultam da combinação de factores políticos, económicos, tecnológicos, culturais, naturais, etc.) que a geografia actual procura compreender e corrigir.



(in 'o século', 27-4-291,
com a devida vénia).

A FECHAR

(a propósito do amor pelas árvores,
que o grupo da biologia lusitana
entre gente remota edificou
numa exposição que tanto sublimou)



- O amor do homem é cego.

Fico até verde de raiva (e de clorofila...)

E, depois, o que eles(as) não fazem para chamar
a atenção!... (Aculpa, neste caso, até é mais
dela, que está quase despida - mas se calhar é uma
crise outonal retardada...)

Nota Final

Deixe-nos dizer-lhe ainda que foi um prazer estar consigo. E que antes de nos embrulhar e empurar para um canto escuro de móveis esquecidos, ou (cruzes credo) para o primeiro balde de lixo que o provoque - pense, amigo(a) leitor(a): esta (Revista de Figueiró da Gente) pode ser bem a prova remanescente e "a posteriori" de que, uma vez, um ano, um instante, um segundo, nós existimos, fomos, construímos, legámos vida. Escrevendo, lendo, dizendo mesmo mal e propondo diferenças futuras.

Guarde-nos (com amor).

A Equipa

P.S. - Faça ainda, caro(a) leitor(a) o favor de corrigir a semântica (que não a grafia) do título: nós queríamos dizer *Nota Afinal*. Até mais ver.

